

Centro de Estudos Filosóficos da ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA

BASES FILOSÓFICAS

INTRODUÇÃO

O homem é uma criatura caracterizada pelo inconformismo — jamais esteve “con-forme” ou na plena aceitação de uma forma —, nunca houve homem satisfeito com o seu tempo, com a sociedade na qual estava engajado, com os homens que o rodearam, que o governaram ou que eram por ele governados; com as instituições em que lhe coube participar ou contemplar, e até com a natureza, revoltando-se ante a inclemência das secas, inundações, pragas, etc. Todo filho está, total ou parcialmente, inconformado com seu pai, e todo pai com seu filho e ainda cada um deles consigo próprio.

Nos séculos e milênios de história (conscientes ou não), o homem pode ter perdido muita coisa, e ainda ganhou outras, porém o que se mantém invariável e sempre constante é essa insatisfação, esse inconformismo, essa inquietação.

À diferença dos animais, o homem jamais encontrou o seu espaço e o seu tempo, o seu habitat, e aquilo mesmo que o caracteriza é justamente ser um estrangeiro ainda em sua própria pátria. Quando Ulisses sai de Ítaca em busca de mil e um tesouros aninhados em seus sonhos, pensa como estrangeiro no estrangeiro, e, quando volta a Ítaca, sente-se igualmente estrangeiro.

Errar tem sido o destino desta criatura, encruzilhada em duas dimensões que jamais permitem definí-la, por um lado a raiz, por outro lado a liberdade das copas.

Nessa inda e vinda, num imenso universo, a Filosofia tem sido inúmeras vezes o seu báculo, seu auriga, a estrela distante numa noite de tormenta, o cume rochoso de uma sólida montanha numa peregrinação sem fim, o vale verdejante no meio do deserto de infrutífera procura.

A ela cantaram místicos e poetas, eruditos, políticos, homens de ciência e ainda heróicos guerreiros nascidos do mito e da história.

Quem não a tem invocado nas matutações acerca do sentido e do fim das coisas? Quem não lhe tem pedido ainda que seja migalhas de suas vestes, na

compreensão de si próprio? Quem não sentiu o alvoroço de seu coração, ante a proximidade de seu voo rasante e inspirador?

Oriente e Ocidente têm marcado encontro nela. O druída e o homem bíblico a perscrutaram com idêntica inquietação. Do esquimó ao nômade, do chinês ao banto, ela campeia no mar dos interrogantes.

O perguntar, o inquirir, o querer saber é um ato filosófico; o não aceitar a ignorância que se padece, a dúvida irresolúvel, é uma atitude filosófica; pois enquanto existir pergunta, enquanto existir anseio por uma resposta, seja esta científica, estética, política ou religiosa, a filosofia será uma presença constante na vida do homem.

ORIGEM ETIMOLÓGICA

Atribui-se a Pitágoras a criação do termo “filosofia”, num acontecimento ocasional, em que após uma dissertação a seus discípulos sobre o sentido do ser e do estar das coisas, um deles aproximou-se e disse: “O senhor é um *sophos* (sábio)”. Ao que Pitágoras respondeu: “Não, meu filho, eu sou um *philos-sophos*”.

Philos provém do grego *philoô*, que significa “amar”, e *sophia* é sabedoria. Desta forma, num ato de admirável humildade, Pitágoras confessava-se um “amante do saber”, e assim mesmo cunhava um termo de vigência incontestável até nossos dias.

Tendo em vista que todo amante deseja possuir o objeto amado, ou aproximar-se o mais possível dele, ocupando o objeto de seu amor todo o caudal e matices de sentimento, pensamento e ainda de seus sonhos, enlevado num estado de constante evocação, de íntima comunhão, de cuja conquista, viria, a seu juízo, a felicidade plena; o filósofo cujo objeto é nada mais nada menos que a própria sabedoria, procura-a em tudo quanto é forma, dimensão, idéia ou intuição.

É mister reparar que há conhecimentos que temos, como diz Platão, sem tê-los procurado, que chegam até nós através de uma convivência com uma sociedade, com uma cultura, com os meios de comunicação, de maneira acidental ou ocasional. Não tivemos nenhuma proposta ou intenção de possuir tais conhecimentos. A informação recebida numa conversa entre amigos, ou administrada através de uma palestra passam a constituir um conhecimento para nós, cuja veracidade não procuramos.

Esse conhecimento é qualitativamente *doxa*, “opinião”. Tem a validade outorgada por alguém que a proferiu, alguém que a escreveu, algo que a manifestou, mas não nasceu de uma reflexão profunda, de uma busca de fontes, da autoridade ou competência da investigação feita por nós.

Toda cultura tem suas alienações e preconceitos. Nesta que hoje nos cabe viver, aceitam-se como verdades irrefutáveis inúmeras *doxas* que não resistiriam à mínima reflexão.

Há, porém, uma outra qualidade de conhecimento que se adquire só e unicamente quando se o procura segundo determinadas vias metodológicas, aplicando determinadas “funções mentais” à pesquisa, com garantias de veracidade. A esse saber Platão dá o nome de *episteme*, “ciência”.

A reflexão nos conduz da *doxa* à *episteme*, mas nem toda reflexão é necessariamente *episteme*.

PAPEL QUE DEVERIA TER A FILOSOFIA NO SÉCULO XX

Tem-se falado demasiadamente sobre a crise política, econômica, de valores, existencial e religiosa do século XX. Isto é irrefutável, e não merece de nossa parte maiores comentários. Uma extensa bibliografia — e disto não nos podemos orgulhar — ocupa as bibliotecas e livrarias de qualquer cidade. O que não encontramos, porém, com a mesma proliferação, é uma terapia lógica e acessível, e por que não dizer, eficaz, ainda que demorada, para os males deste doente século, que já tem feito radiografias, análises de todas as espécies, fotometrias, passando por toda a gama de médicos clínicos, especialistas, doutores e professores, e aguarda desconsoladamente na maca da U.T.I. algum herói que talvez, sem tantos títulos ou doutorados, ou técnicas ribombantes de diagnóstico, arregace as mangas e tente honestamente ou extirpar um órgão, ou acrescentar outro, ou simplesmente limpar os mil e um curativos que até agora não passaram de paliativos e perda de tempo, falta de misericórdia e de piedade para com o sofrimento.

No começo destas linhas dissemos que a Filosofia

acompanhou o homem desde as origens dos tempos, e a simples lógica nos indica que sua constante presença tem sido não só uma necessidade, mas um estímulo para este peregrino.

Ela deu ao homem de outrora a compreensão de seu papel dentro do universo, o significado de cada presença e cada ausência, a dimensão e o justo valor das coisas, dos pensamentos e sentimentos. Incitou-o à não-acomodação, à busca de realizações mais nobres e justas, alimentou sonhos de perfeição, dimensionando a própria natureza eterna do homem. Reconquistando a nossa humildade perdida e retornando às linhas mestras da rica experiência humana destes quase 7.000 anos de história conhecida, e invocando a razão, a lógica, a clareza de pensamento, o silêncio, talvez encontremos a trilha deixada por nossos antepassados a partir da qual poderemos abrir a estrada de um futuro mais sadio e reconfortante.

Uma das exigências básicas do filosofar é a coerência, o ser coerente em ato e pensamento, isto é, que todo e qualquer ato tenha sua autoridade e raiz no próprio pensamento. Da mesma forma que não aceitamos uma abóbora quando plantamos um pinheiro não é admissível que os atos resultem em frutos contraditórios à sua semente-pensamento.

Vivemos numa sociedade na qual as funções que se assumem ou que se escolhem não são exercidas nas suas propostas originais. Parece que o inter-relacionamento dessas funções, em vez de enriquecer e garantir uma perspectiva universal, tem misturado suas finalidades, empobrecendo todas em grau tão agudo, que se torna difícil identificá-las.

Na natureza e no próprio homem vemos que cada parte harmonizada sempre com o todo, permite, ante sua fiel participação um enriquecimento de todas as outras partes, que por sua vez harmonizam-se com um todo orgânico e universal.

A ordem é uma necessidade vital. A ordem define, isto é, coloca limites às coisas, entre si; portanto, a liberdade na área competente a cada coisa é um fato incontestável. Essa ordem e sua conseqüente liberdade ficam destruídas ou anuladas quando os limites pertinentes são ultrapassados ou ignorados.

Numa sociedade, as funções exercidas por cada indivíduo possibilitam, ante seu fiel cumprimento, a harmonia com os outros indivíduos, com a sociedade e consigo próprio. Quando, porém, as funções próprias não são exercidas, advém o caos, a ruptura da liberdade e, por decorrência, a anarquia.

Se a função do médico, se o compromisso e o juramento a que se propõe dentro da sociedade, é aliviar

a dor, prevenir doenças acima de todas as coisas, não é admissível que seu ato ou sua conduta contradigam os compromissos previamente assumidos.

Se um advogado ou um juiz têm, no exercício de sua profissão, o dever de preservar a justiça e fazer cumprir as leis vigentes, torna-se incompreensível que na prática ponham sua inteligência a serviço de uma ganância pessoal ou de um grupo, burlando essas mesmas leis, às quais juramentaram velar e defender.

Por que não falar, também, do educador, do professor, cuja missão não é só transmitir um conhecimento, mas despertar nos educandos os interesses e qualidades naturais, orientando seu caráter, sua vontade, sua imaginação para um mundo de realizações que mais tarde serão efetivadas ou não, por cada um deles, segundo suas próprias tendências? Sabemos que hoje um dos negócios mais lucrativos é justamente o da educação, relegada a uma troca de informações impessoais, sempre que exista um pagamento prévio!

Acreditamos desnecessário dar mais exemplos, pois é evidente o desligamento entre o exercício da função de cada profissão e o objetivo exigido pela mesma.

Não acreditamos que seja preciso uma reformulação dos objetivos, mas sim um ajustamento, um "re-ligar" a ação com a idéia, o exercício com a função. Nisto é que a filosofia pode e deve cumprir um papel de vitalíssima importância em nossos dias, conscientizando cada um dos indivíduos, exortando-os a um aprimoramento naquilo que lhes compete na participação ativa, dentro de um todo harmônico chamado sociedade.

Não adianta tomar esta última como bode expiatório das debilidades e fraquezas particulares. Não é ela a causa de nossa cobiça, de nossa ambição e nossa violência, mas, pelo contrário, é a nossa irreflexão, incoerência, inconstância e egoísmo, o que nos faz esquecer as idéias que nos temos proposto a exercer quando assumimos o papel que desenvolvemos na atual sociedade.

A fidelidade a estes ideais, o sermos conseqüentes com os nossos objetivos, poderiam muito bem ser este valente herói que, debruçado no seu paciente "século XX", poria fim às suas angústias e desilusões, restabelecendo uma saúde que naturalmente já existia.

O futuro, portanto, depende de nós... de cada um de nós.

FILOSOFIA E VIDA

É óbvio que não vivemos para filosofar, mas devemos filosofar se queremos viver. Esta não é uma frase ou um simples trocadilho, é uma sentença lapidar de incontestável veracidade.

As últimas manifestações filosóficas do existencialismo europeu têm-nos dado a imagem de um mundo contingente, ao qual estamos subordinados, sem maiores opções que obedecer ou morrer. Grande parte das circunstâncias que se deparam ao homem durante a vida, não são criadas (estritamente falando) nem escolhidas por ele, mas passam a exigir dele uma resposta, afirmativa ou negativa, uma tomada de posição, uma participação ativa, um adentrar-se na própria situação.

Costumamos viver tais circunstâncias sem respiro, sem descanso, sem o intervalo necessário entre situação e situação, intervalo que nos permitiria prepararmos para o embate seguinte. Sem estes intervalos, sem este "sair" da situação e contemplá-la como alheia a nós próprios, é impossível mensurar e avaliar objetivamente as condições que nos impõe determinada contingência, e as opções de nossa resposta a ela.

Do mesmo modo que se pode apreciar uma sonata pelos silêncios que existem entre as notas, para apreciarmos as próprias condições de nossa vida é mister refletir, pensar-se em si mesmo, medir-se perante a situação criada, sentir-se um "alguém" vivendo tal situação. Isto torna necessário um "sair" do mundo, como genialmente fala Ortega y Gasset, "dar as costas ao mundo e ensimesmar-se", submergir-se neste universo que somos nós e olhar, por trás da janela, esse mundo em volta, fora de nós. Ante a pergunta de quem vive o que está vivendo, perscrutar-se e encontrar-se num "sem tempo", "sem intencionalidade", "sem propósito".

Os múltiplos papéis que desenvolvemos no nosso cotidiano sobrepõem-se, misturam-se, carentes de prioridades e hierarquia. Por momentos, somos filhos, por outros, pais, professores ou engenheiros, fregueses às vezes, vendedores outras, oprimidos e opressores. Identificar em todos eles quem é o constante e sempre presente "eu", independente do papel executado, é ter a sadia margem que permite responder à vida a partir de si, e não a partir da situação ou contingência criada. Qualificar-se individualmente, descobrindo os dotes naturais e aqueles que conseguimos desabrochar, exigir-nos a perseverança ante um propósito é agir a partir de si, é individuali-

zar-se, é sentir-se único e irreproduzível, original, exclusivo.

É justamente pelos momentos de reclusão em nós, de observação, a partir de nós, para o que nos é externo, que conseguimos encontrar o significado e o valor da nossa participação na vida. Sendo esta um rio inesgotável, o submergir nela sem a resistência natural com que uma barca enfrenta a tormenta significaria desintegrar-nos numa massificação, onde o conteúdo próprio seria absorvido no turbilhão do movimento. Cada indivíduo deve preencher sua existência com o conteúdo particular de si mesmo, com o brilho peculiar de suas buscas, com o som de seu próprio canto incessantemente recriado.

Quando as coisas transcendentais ocupam nossas perguntas, quando as causas vitais e primeiras batem à porta das nossas buscas e, a partir das profundas ou magras respostas que conseguimos dar à esta, respondemos aos apelos do mundo, transcendentalizamos esse mundo, humanizamos-lo, projetamos fora o que temos descoberto dentro, e, por que não dizer, divinizamos esse fora a partir de nós mesmos.

A Filosofia nos permite agir; quando carecemos dela, apenas nos movimentamos. A diferença é que no primeiro caso existe uma direção, nascida da entranha da ponderação, da discriminação entre as múltiplas possibilidades que temos ao nosso dispor. Esta mesma direção preanuncia um porto, um ponto de chegada, um alvo do qual partiremos com miras a outro porto, alinhando nossos atos numa sequência coerente com nossos propósitos.

CONCLUSÃO

Pelo que temos dito, a Filosofia não é o cume da estrada, e sim o mais próximo dela. Seu valor é de instrumento, que nos permite aguçar nossos sentidos, endireitar nossos passos, robustecer a lealdade aos princípios universais e eternos, convidando-nos a integrar um coro de solenes hinos em glorificação à vida, ao belo, ao bom, ao justo.

No ato filosófico deve estar presente a coragem, coragem de antepor os próprios princípios às atraentes sereias dos comodismos e ambições; sendo um dos mais freqüentes comodismos a omissão ante o erro, ou a marcação do erro sem dispor-se a participar do acerto. A crítica sistemática que impera em nossos dias está saturada disto. Mexe e remexe-se a sociedade contemporânea sob poderosas lentes de aumento, de onde passivamente contemplam, na cô-

moda poltrona de sua inércia, os intelectuais modernos.

Enchem-se as prateleiras de nossas bibliotecas com pesados volumes de tratados filosóficos, folheados por nossos jovens, onde aprendem um ou outro neologismo, sem nada compreenderem. Mas, oh! paradoxo: não temos filósofos!

A filosofia é uma ciência e uma arte que exige tudo do indivíduo, não apenas o intelecto. Talvez este tenha sido o motivo pelo qual Sócrates negou-se a escrever, alegando que a filosofia é ato e não livro.



O Centro de Estudos Filosóficos (SP) da Associação Palas Athena do Brasil comunica a abertura das próximas turmas do curso "Introdução ao Pensamento Filosófico", com duração de 22 aulas, a serem ministradas uma vez por semana, cujo programa consta das seguintes disciplinas:

Ética do Oriente e Ocidente
Filosofia da História
Socio-política

Agosto: dia 09, aulas às terças-feiras, das 19:30 h. às 22:30 h.

Setembro: dia 10, aulas aos sábados, das 14:30 h. às 17:30 h.